

**ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS DA MASCULINIDADE OBSERVADAS A
PARTIR DOS RELATOS DE UMA MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA**

Marinaldo Cirino da Cunha (Graduando – UFPA)
Orientadora: Profa. Dra. Sandra Maria Job

Resumo: É sabido que os papéis ditos femininos e masculinos são determinantes para manutenção de uma sociedade patriarcal, ou seja, há padrões de comportamentos que condicionam o que se deve fazer e ser para ser mulher ou um homem. Nesse sentido, essa pesquisa perpassa pelo viés de um estudo sobre masculinidade, e tem como objetivo identificar e analisar traços comportamentais e verbais que remetem a aspectos da masculinidade a partir dos relatos de uma mulher de 41 anos, moradora da cidade de Breves-PA, assim como verificar suas consequências na vida dessa colaboradora. Para tanto, partimos de uma pesquisa bibliográfica – na qual utilizamos autores como Almeida Junior (2006), Connell; Messerschmidt (2013), Borin (2007) e Dromunt (1980) – e, posteriormente, de campo, com a realização de uma entrevista com a citada colaboradora. No que diz respeito aos resultados, destacamos dois: primeiro, foi possível perceber, a partir do relato da entrevistada, que seu companheiro apresentava algumas características da masculinidade hegemônica; segundo, que, o comportamento do parceiro perpassa pela afirmação de sua própria masculinidade, embora ambos não tenham a percepção disso.

Palavras-chave: Masculinidade; Consequências; Mulher.

INTRODUÇÃO

É sabido que os papéis ditos femininos e masculinos são determinantes para manutenção de uma sociedade patriarcal, ou seja, há padrões de comportamentos que condicionam o que se deve fazer e ser para ser mulher ou um homem. Nesse sentido, essa pesquisa perpassa pelo viés de um estudo sobre masculinidade, e tem como objetivo identificar e analisar traços comportamentais e verbais que remetem a aspectos da masculinidade a partir dos relatos de uma mulher de 41 anos, moradora da cidade de Breves-PA, assim como verificar suas consequências na vida dessa colaboradora.

Para tanto, partimos de uma pesquisa bibliográfica – na qual utilizamos autores como Almeida Junior (2006), Connell; Messerschmidt (2013), Borin (2007) e Dromunt (1980) – e, posteriormente, de campo, com a realização de uma entrevista com a citada colaboradora.

No que concerne ao meu interesse por essa temática, ele surgiu devido a minha inquietação ao ver diariamente muitos casos de violência contra mulher, pois trabalho como Agente Comunitário de Saúde e faço

visitas rotineiras aos domicílios da minha comunidade. A minha presença regular nessas casas criou um elo de amizade entre mim e essas famílias. Nas minhas incursões diárias era quase rotineiro encontrar mulheres vítimas de violência, e quando perguntado a elas o que havia acontecido, na maioria das vezes, elas se retraíam ou ficavam com vergonha de falar. Conseqüentemente, eu me perguntava, mas por que essa violência por parte do companheiro? Que sequelas essa violência deixa na vida da vítima? Reflexões como essas foram elementos motivadores à realização dessa pesquisa.

Quanto à estrutura do trabalho, ele se divide em duas partes, a saber: na primeira, abordaremos o conceito de masculinidade e os aspectos sociais que regem uma soberania masculina sobre a feminina; na segunda, trataremos a análise e, por fim, as conclusões.

1 CONCEITO DE MASCULINIDADE

Os homens, como se sabe, foram beneficiados social e politicamente ao longo dos séculos. Mas por quê? O que rege e/ou no que se respaldam essas diferenças socialmente construídas entre homens e mulheres? Pois elas existem e “ignorar o privilégio masculino, isto é, mantê-lo no plano da invisibilidade, é impedir a compreensão e a solução de determinados problemas sociais associados a ele” (ALMEIDA JUNIOR, 2006, p. 3). Esse fato é ratificado por Cazés (1999, apud ALMEIDA JUNIOR, 2006, p.10) ao declarar:

Num complexo e inconcluso processo iniciado há séculos, as mulheres têm sido submetidas a condições de dependência, subordinação, exclusão e discriminação, tanto na vida cotidiana e nas crenças sobre sua “natureza inferior”, quanto nas leis e nas estruturas de organização social.

Para responder a esses questionamentos faz-se necessário, primeiramente, conceituar o que é masculinidade, esta que é entendida como “um padrão de práticas [...] que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (CONNELL; MESSERSHMIDT, 2013, p.3).

Dessa forma, a masculinidade abrange diferentes peculiaridades, no que diz respeito aos “dogmas” sociais masculinos, dependendo da situação

que ela se apresenta. Segundo Connell (apud 1995 ALMEIDA JUNIOR, 2006, p. 56),

há diferentes masculinidades e relações sociais definidas entre elas. Mais ainda, há relações hierárquicas nas quais algumas masculinidades são dominantes enquanto outras são cúmplices, subordinadas ou marginalizadas.

Nessa perspectiva, compreendemos que não apenas há diversos tipos de masculinidades, como também há relações de dominância e subordinação entre elas. Porém, como o interesse desse trabalho está voltado a questões referentes, especificamente, à masculinidade hegemônica, nos ateremos apenas a ela.

Assim, a masculinidade hegemônica tende a ser um mecanismo utilizado para regular a dominação da classe masculina em relação à feminina, sempre atrelada à hierarquia de gênero, que se trata do embasamento para a masculinidade hegemônica, como é confirmado por Connell (1995, apud ALMEIDA JUNIOR, 2006 p. 55):

Masculinidade hegemônica pode ser definida como a configuração de uma prática de gênero que incorpora a resposta aceita ao problema da legitimidade do patriarcado, que garante (ou que se ocupa em garantir) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres.

Para Almeida Junior (2006) a possibilidade de se questionar a masculinidade hegemônica faz com que o indivíduo masculino busque sempre manter essa hegemonia a todo custo, seja por meio do *status* social de superioridade que lhe é conferido, seja pela pressão psicológica, ou mesmo por violência física.

Ainda em relação à masculinidade hegemônica, ela “deve ser entendida como uma dinâmica cultural pela qual um grupo reclama e sustenta uma posição superior na vida social, sendo que se relaciona com a dominação cultural na sociedade como um todo” (ALMEIDA JUNIOR, 2006, p. 56).

Ainda para esse autor, a masculinidade hegemônica se mantém impregnada em todas as classes sociais, independentemente do prestígio ou poder econômico do indivíduo. Ou seja, não é coisa desses ou daquele grupo social, étnico, racial. Essa masculinidade está inserida na sociedade brasileira, no seio de todos os lares – com maior ou menor intensidade.

Em síntese, essa sustentação do padrão de masculinidade está intensamente relacionada, sobretudo, à forma natural que membros sociais veem e aprovam essa desigualdade existente entre gêneros, tendo seu apoio no artifício histórico, cultural e social que legitima essa supremacia masculina, sendo responsável direto por estigmatizar e perpetuar essas práticas machistas (ALMEIDA JUNIOR, 2006).

Dessa forma, esses padrões de masculinidades são o enredo de um sistema cultural que, desde sua construção, trata a mulher como um ser inferior ao homem, propagando pensamentos e crenças tais como as de que o papel social da mulher é procriar, cuidar da casa e dos filhos, e nada mais além disso. Essas condutas são “[...] construídas nas arenas de interação face a face das famílias, organizações e comunidades imediatas [...]” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.13).

Partindo desse pressuposto, a masculinidade configura modelos comportamentais que os homens devem seguir, como por exemplo, não ser emotivo, não demonstrar sentimento, mandar na esposa. Enquanto a esposa/mulher deve obedecer, nunca questionar e não ter autonomia na decisão familiar, ou seja, ser sempre subalterna a ele.

Nesse sentido, essa masculinidade que a figura masculina tanto preza pode ser apenas um artifício utilizado para não demonstrar sua fragilidade, medo e incapacidade de contornar determinadas situações que necessitem da tomada de atitudes consideradas tipicamente femininas pela sociedade. Esse fato produz certas preocupações nos homens, baseadas em crenças preconceituosas, como as de que eles devem prezar por uma imagem de homem-macho, isto é, de um homem que demonstre autoridade. Talvez este seja o principal receio dele: preservar uma imagem dominante perante o universo masculino.

2 ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS DA MASCULINIDADE OBSERVADAS A PARTIR DOS RELATOS DA VÍTIMA

Antes de analisarmos os relatos da entrevistada, é necessário, primeiramente, traçar o seu perfil. Nesse sentido, ela tem 41 anos e é dona de casa; estudou até o 5º ano do ensino fundamental e tem cinco filhos, sendo dois do primeiro relacionamento e três do último (que durou cerca de

18 anos, e ao qual essa pesquisa coletada em 2018 se referirá). Assim como foi de comum acordo, foi garantido sigilo quanto à sua identificação, de forma que, nesse trabalho, a entrevistada será chamada de M. Portanto, esboçado esse breve perfil da colaboradora, partimos para as análises dos seus relatos.

O início de seu relacionamento com seu parceiro, com o qual viveu por 18 anos, foi marcado por agressões, como pode ser percebido no relato: “com duas semanas que eu *tava* com ele, eu levei os [...] dois **primeiros tapas** no meu rosto. Aí minha gravidez todinha foi assim atribulada, que ele só fazia o que ele queria” (M, 41 anos, 2018 - grifos nossos). Nesse trecho, observamos que M sofreu agressão física, que, de acordo com Casique e Furegato (2006 apud BORIN, 2007, p.48),

é entendida como toda ação que implica o **uso da força** contra a mulher em qualquer circunstância, podendo manifestar-se por pancadas, chutes, beliscões, mordidas, lançamento de objetos, empurrões, bofetadas, surras, lesões com arma branca, arranhões, socos na cabeça, surras, feridas, queimaduras, fraturas, lesões abdominais e qualquer outro ato que atente contra a integridade física, produzindo marcas ou não no corpo - (grifos nossos).

Outrossim, o companheiro de M, além de agredi-la ainda tentou agredir uma de suas filhas, como pode ser observado nesse trecho: “aí ele pegou queria bater **nela** com uma corrente de bicicleta, eu com a minha outra filha tentamos tirar dele a corrente, até conseguimos, mas ele ainda deu um **soco** em mim” (M, 41 anos, 2018 - grifos nossos).

As agressões à colaboradora não ficaram apenas no início do relacionamento, como pode ser visto a seguir:

[...] ele ainda conseguiu me **acertar um soco** aqui, [...] sabe, aí eu não podia falar nada que ele me **batia**. Aí foi quando ele me deu esse **tapa**, esse branco do meu olho tudo ficou só **sangue** sabe?! Aí outra vez foi pega sol ele me **jogou** um celular que ficou **inchadão** meu joelho (M, 41anos, 2018 - grifos nossos).

Nesse trecho, percebemos que o agressor buscava manter uma dominação de sua esposa por meio da violência física, pois isso fica evidente quando ela declara: “aí eu **não podia falar nada** que ele me **batia**” (M, 41 anos, 2018 - grifos nossos). Ainda em se tratando de violência, M relata que mesmo grávida, ele não a poupou de agressões físicas:

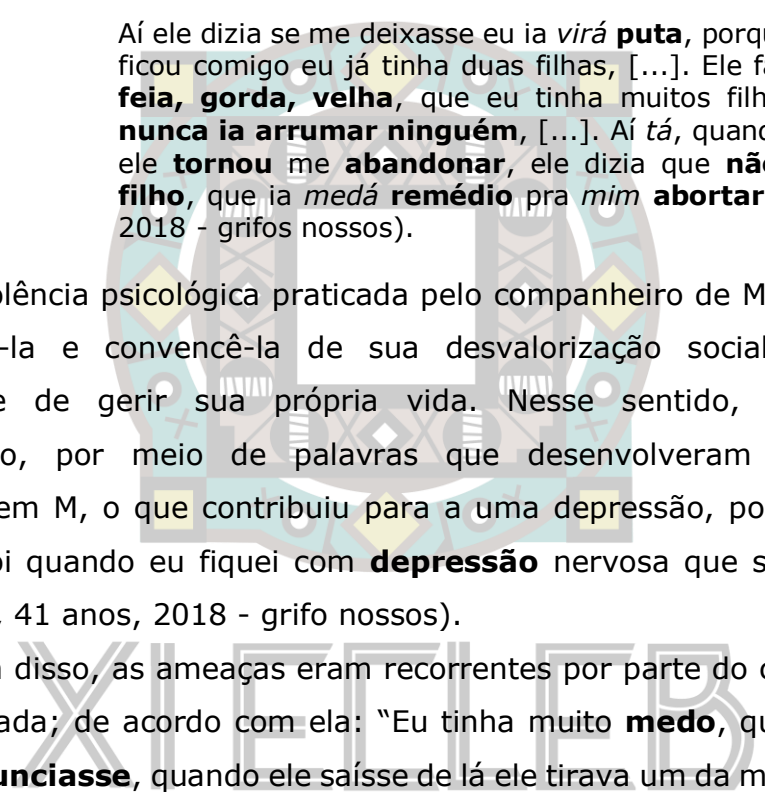
XI Encontro do Curso de Letras em Breves
Educação, Gênero e Etnia
30 e 31 de julho de 2019

Outra coisa uma vez ele me **chutou, eu tava grávida** da XXXXX, né?! Da minha primeira filha com ele. Eu *tava* sentada assim na porta da cozinha de costa assim, ele entrou e **me chutou** com a **bota** que ele tinha vindo do trabalho (M, 41anos, 2018 - grifos nossos).

Em sua narrativa identificamos, ainda, a recorrência de outro tipo de violência: a psicológica, a qual segundo Azevedo (1985 apud BORIN, 2007, p.50) se caracteriza, “por recriminações constantes: desvalorização profissional, rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito e punições exageradas”. Essas agressões são constatadas quando a entrevistada narra:

Aí ele dizia se me deixasse eu ia **virá puta**, porque quando ele ficou comigo eu já tinha duas filhas, [...]. Ele falava que era **feia, gorda, velha**, que eu tinha muitos filhos e que **eu nunca ia arrumar ninguém**, [...]. *Aí tá*, quando engravidei, ele **tornou me abandonar**, ele dizia que **não era dele o filho**, que ia **medá remédio** pra *mim* **abortar** (M, 41 anos, 2018 - grifos nossos).

A violência psicológica praticada pelo companheiro de M é em busca de controlá-la e convencê-la de sua desvalorização social e de sua incapacidade de gerir sua própria vida. Nesse sentido, houve uma discriminação, por meio de palavras que desenvolveram uma baixa autoestima em M, o que contribuiu para a uma depressão, pois de acordo com ela: “foi quando eu fiquei com **depressão** nervosa que só parava no hospital” (M, 41 anos, 2018 - grifo nossos).

Além disso, as ameaças eram recorrentes por parte do companheiro da entrevistada; de acordo com ela: “Eu tinha muito **medo**, que ele falava se eu o **denunciasse**, quando ele saísse de lá ele tirava um da minha família” (M, 41 anos, 2018 - grifos nossos). E até a ameaçou contra a vida dela: “[...] *Aí* ele **acelerou** a moto até quase perto da casa da minha irmã e **eu correndo** na rua, ele **dizia** que ele ia me deixa *alejada*, ia **passar** com a **moto** por cima de **mim**, o dia que ele me encontrasse na **rua**” - (M, 41 anos, 2018 - grifos nossos)”.


Nessa vertente, outra forma de violência foi presente na relação de M, o machismo que “[...] é definido como um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de explorações, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher” (DROMUNT, 1980, p.81), esse aspecto é observado no relato de M quando narra:

XI Encontro do Curso de Letras em Breves
Educação, Gênero e Etnia
30 e 31 de julho de 2019

Aí eu peguei comecei a sair pra festa, aí de lá **quando ele sabia que eu ia pra festa, ele ia bater lá, queria brigar saber por que eu saía? Que não queria que ficasse com ninguém [...].** Ele me **jogou** um celular só porque eu ia lavar roupa e pega sol, **mas eu não tava só de pecinha, eu tava de short pequeno, mas tava de roupa, [...].** **Eu tava com uma saia e aí só porque era um pouco transparente** e a minha roupa sempre era pequena devido eu ser magrinha. **Aí ele pegou rasgou todinha a minha roupa, ele rasgava toda minha roupa, só usava a roupa que ele queria** - (M, 41 anos, 2018 - grifos nossos).

Nesse trecho ficam evidente as características de um machismo que determina relações de poder e domínio sobre a mulher, em que o homem se vê como o polo que domina e a mulher como o polo que é dominado e submisso.

Essas atitudes extremamente machistas, praticadas pelo companheiro de M, caracteriza a masculinidade dele, pois se utiliza de sua condição de homem em uma sociedade patriarcal para impor condutas para sua companheira. Ditando como ela deve se vestir, se portar. Em outras palavras, o esposo ao privá-la de ter sua autonomia na hora de escolher como se vestir e/ou de como viver a sua vida fazendo-a se sujeitar a suas vontades e regras, buscando manter sua hegemonia sobre M.

Assim, esses comportamentos tomados como “natural” e “espontâneo” do homem faz parte de uma masculinidade hegemônica, e são tratados pela sociedade como argumentos para que essas condutas machistas continuem impregnadas em nossa sociedade, como é confirmado por Almeida Junior (2006, p. 1): “Esta crença na suposta natureza da masculinidade tem servido de justificativa para condutas tipicamente machistas que persistem entranhadas na vida cotidiana e nos relacionamentos de modo geral”.

No que concerne ainda a aspectos de uma masculinidade hegemônica, é importante destacarmos que mesmo que ambos não tenham consciência, as atitudes violentas cometidas pelo companheiro de M, com o intuito de machucar e amedrontar, são produtos dessa masculinidade.

Assim, em virtude do medo de perder o controle da companheira o homem adota condutas extremas de: violência física, psicológica, machista e ameaças contra a vida da parceira. Esse fato nos remete a uma vertente de

masculinidade hegemônica, que segundo Connell e Messerschmidt (2013, p. 8).

[...] não é surpreendente que em alguns contextos a masculinidade hegemônica realmente se refira ao engajamento dos homens a práticas tóxicas, incluindo a violência física, que estabilizam a dominação de gênero em um contexto particular [...].

A partir dos relatos da entrevistada, percebemos que as marcas dessa masculinidade hegemônica foram danosas para ela, isto é, a baixa autoestima, a fragilidade emocional e os danos psicológicos são provenientes das agressões e humilhações recebidas. Isso é comprovado no relato a seguir:

Foi quando eu fiquei com depressão nervosa que só parava no hospital. [...]. Eu tinha muito medo e aí **eu saía em pânico** quando ouvia o barulho da moto zoando atrás de mim eu já **pensava** que era **ele, eu parei até de estudar** só com **medo** dele me pega na rua [...]. Assim eu não me **ajeitava** mesmo e aí eu me larguei mesmo me **sintia feia mesmo** - (M, 41 anos, 2018 - grifos nossos).

De acordo com esse relato é perceptível o quanto foi prejudicial para ela viver nessas condições de violência e desrespeito, durante aproximadamente 18 anos de convivência. Isto é, as humilhações e maus tratos que ela sofreu foram produzindo sequelas nocivas a sua vida, à sua saúde, como foi comprovado pelo depoimento. Dessa forma o esposo de M lhe privava os próprios direitos, como o de ir e vir, o de estudar, o de ter a autonomia familiar e pessoal.

Com base nas discussões dessa análise, esse estudo nos permitiu ter uma breve dimensão do que a masculinidade hegemônica causa na sociedade, em especial, em um relacionamento. As consequências são muitas e, na maioria das vezes, as vítimas demoram um longo tempo para se recuperar ou talvez nunca supere.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões levantadas durante as análises dessa pesquisa, algumas considerações podem ser destacadas, dentre elas: primeiramente, de que houve, por diversas vezes, violências – psicológica e física – machismo e desrespeito para com a entrevistada; e, que o

comportamento do companheiro denota que as formas de violências sofridas pelo sujeito da pesquisa estão diretamente ligadas à masculinidade hegemônica, ou seja, o estigma de dominação e soberania do sexo masculino sobre o feminino está entranhada no seu comportamento causando uma série de abusos ao relacionamento.

Compreendemos, ainda, que as agressões foram para manter o controle e a obediência da mulher, isto é, para demonstrar que ele que é o homem da casa, dono da esposa. Por isso, sua autoridade não deve ser questionada por ninguém, muito menos por sua companheira.

Nessa perspectiva, destacamos também, que o relacionamento agressivo/abusivo vivido pela vítima desencadeou problemas sérios a ela, como por exemplo, de sua saúde, de cunho psicológico e gerou baixa autoestima. As violências e humilhações sofridas pela colaboradora desenvolveram a depressão, fizeram-na duvidar de sua beleza como mulher, além de deixa-la com medo de sair de casa.

Em suma, a masculinidade que emerge no relacionamento do sujeito da pesquisa, faz parte de uma construção social que resulta na repressão e soberania masculina. Em outras palavras, com a naturalização de comportamentos, como o do companheiro da colaboradora, considerados como tipicamente masculinos, a sociedade deixa subentendido uma normalidade de violências contra a mulher.

Por fim, diante do quadro que essa pesquisa revelou, é pertinente considerarmos que estudos como estes são importantes e necessários para que haja uma reflexão e sensibilização de toda sociedade a respeito dos padrões estabelecidos de masculinidade.

REFERÊNCIAS

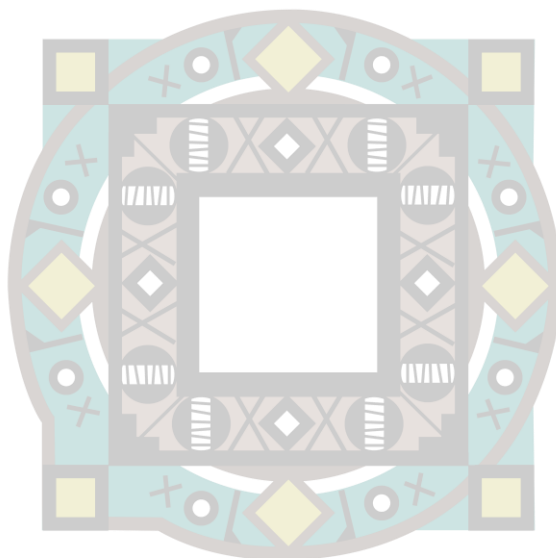
ALMEIDA JUNIOR, Plínio Maciel. Tornar-se homem – O projeto masculino na perspectiva de gênero. 2006. 192 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo, 2006.

BORIN, Thaisa Belloube. Violência doméstica contra a mulher: percepções sobre violência em mulheres agredidas. 2007. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

XI Encontro do Curso de Letras em Breves
Educação, Gênero e Etnia
30 e 31 de julho de 2019

CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT James W. "Masculinidade hegemônica": repensando o conceito. Disponível em: <<<https://periódicos.ufsc.br>>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

DROMUNT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. Disponível em: <<<https://periódicos.fclar.unesp.br>>>. Acesso em: 20 fev. 2019.



XI ECLEB